

Entendendo a sexualidade infantil e as transformações da adolescência

Eduardo Rawicz



Toda a subjetividade do indivíduo (sua construção psicológica) se inicia com a vida em família — os valores, as formas de reação, o certo e o errado e os padrões de comportamento. Mais tarde, na escola, a criança passa por um processo de socialização, ao entrar em contato com outras crianças e outras regras. A adolescência marca o período dramático em que o jovem tem de escolher a sua profissão, e a grande maioria não demonstra convicção dessa decisão. Essas fases têm muito que ver com a sexualidade, pois se ligam a alguma forma de prazer.

Toda criança normal nasce com o potencial para uma vida psicológica saudável. A herança genética e o ambiente formam a estrutura psicológica da criança e do jovem. Muitas vezes, os pais produzem neuroses em seus filhos, de forma inadvertida, ao projetarem neles valores muito subjetivos, como a ideia de felicidade. No processo cognitivo, é necessário ensinar a criança a conviver com a frustração, isto é, mostrar que nem tudo é possível, uma vez que a vida não tem facilidades. Se essa realidade não se adquire na primeira infância e na adolescência, a existência se torna mais infeliz na idade adulta.

Considero que haja três parâmetros fundamentais para o desenvolvimento psicológico da criança no âmbito da saúde: a autoestima, que representa o quanto um indivíduo gosta de si e acredita que seja bom ao fazer as coisas, mas também o quanto este acredita que os outros o amem; o limite, que tem a ver com regras, tolerância, vida em sociedade e autoridade; e, em terceiro lugar, a autonomia, que é a capacidade de fazer as coisas por si só. Quando esses aspectos psicológicos estão mal estabelecidos na criança, criam-se várias situações de dependência e paralisia da ação que se refletem, sobretudo, na fase das escolhas mais amadurecidas (a da profissão, por exemplo).

No que diz respeito à sexualidade da criança e do adolescente, abordo a questão pelo prisma da teoria freudiana. Em primeiro lugar, é preciso entender que a noção de sexualidade varia de cultura para cultura. Segundo Freud, a questão da sexualidade abarca um universo muito amplo, não se restringindo ao ato de fazer sexo, mas ao amor entendido de forma mais complexa. Quanto à sexualidade na infância, ele concluiu, em contraposição às ideias então vigentes, que nessa fase a subjetividade dos filhos têm muito a ver com o que os pais transmitem, muitas vezes mais em ações do que em palavras.

A manifestação da sexualidade infantil tem por objetivo a obtenção de prazer. Para o mestre austríaco, há uma dualidade da fome e do sexo no aparelho psíquico: os impulsos ligados à fome dizem respeito à autoconservação do indivíduo, e os impulsos relacionados ao sexo correspondem à conservação da espécie. Do ponto de vista simbólico, a primeira mamada da criança no seio da mãe é marcante na estruturação do psiquismo, pois são atingidas as satisfações da fome e do prazer. Da mesma forma que

ocorre com os adultos, a sexualidade insatisfeita pode gerar sintomas psicológicos nas crianças.

Nos nossos dias, o excesso de informações e o descontrole do acesso aos temas da sexualidade anteciparam o período conhecido como adolescência. Nesse período, denominada “fase de latência” por Freud, verificam-se as transformações corporais, inicia-se a vida sexual adulta e se manifestam, consciente ou inconscientemente, objetos de desejo sexual. Quando essas situações são vivenciadas, nessa fase, de maneira insatisfatória, nota-se, na vida adulta, a presença de vários sintomas, como a repetição (expressão da “parentalidade patológica”, isto é, a experimentação de violência na família), as fantasias, etc.

De acordo com a teoria freudiana, de 0 a 2 anos ocorre a “fase oral”. Todo o universo conhecido pela criança se dá através da boca, que cumpre a função da alimentação e do prazer na troca afetiva com a mãe. O bebê, segundo Freud, é um “perverso polimorfo”, pois busca o prazer de todas as formas, sem barreiras nem censuras, e sem visar, nessa fase pré-genital, à reprodução. Assim, a relação com a mãe é estruturante do psiquismo da criança, e o momento do desmame representa uma dolorosa, mas necessária, etapa na construção de uma personalidade menos dependente do indivíduo.

Na realidade, o maior desafio da educação é a transformação dos pais em pessoas mais saudáveis e maduras, a fim de oferecerem o melhor para seus filhos. Se demonstram fobias, então os filhos crescerão com esses problemas. A chamada “perda estruturante” representa a um crescimento para a personalidade da criança: o desfraldar, o abandono da chupeta, o dormir sozinho, etc. Muitas vezes, a criança que não vivenciou essas perdas se recusa a participar do processo de alfabetização. A cognição está ligada à sexualidade, pois se trata de um fenômeno psicosexual.